

O MEIO AMBIENTE COMO PRÁTICA ESCOLAR COTIDIANA.

Antonio Vilas Boas*

RESUMO: *Historicamente, a questão ambiental brasileira e as instituições escolares com suas práticas pedagógicas mantiveram-se equidistantes. Tal situação encontra explicação dentro de uma lógica de acumulação em que o meio ambiente passa a ser visto apenas como mais um elemento fornecedor de matéria-prima que garanta a promoção do desenvolvimento econômico e, conseqüentemente, a sobrevivência do sistema capitalista. Esta forma de exploração, tanto dos recursos naturais quanto do ser humano, tem se mostrado insuficiente para resolver os graves problemas sociais – muitos deles decorrentes dessa busca incessante pela maximização do lucro - que tem atingido populações de diferentes territórios. Como uma das instituições responsáveis pela, também, construção da cidadania, a escola deveria ser uma das agências que procurasse contemplar, em seus currículos, a problemática ambiental, buscando mostrar e conscientizar o quanto as práticas predatórias em relação ao mesmo podem redundar em mais desigualdades, por conseguinte, o alargamento do fosso que separa aqueles que têm daqueles que são excluídos do ato de possuir. Este trabalho pretende fazer uma reflexão sobre a problemática ambiental e o cotidiano escolar mostrando, a partir da experiência do Colégio Santo Antonio, o quanto privilegiar as questões relativas ao meio ambiente podem redundar em expectativas menos preocupantes para o futuro dos povos.*

Palavras-chave: Novos paradigmas; Meio-ambiente; Educação

CIÊNCIA & EDUCAÇÃO AMBIENTAL OU CIÊNCIA X EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

Os postulados cientificistas que emergiram a partir do século XVI, ancorados sob a bandeira da Revolução Científica, trouxeram com eles concepções que permanecem ainda hoje arraigadas no seio da comunidade acadêmico-escolar, atrelando a idéia de ciência ao espírito da racionalidade e influenciando o processo dito civilizatório da humanidade, desembocando na construção de modelos de educação e desenvolvimento social que não conseguiram reverter os constantes dramas sociais gestados dentro da dinâmica do sistema capitalista.

Tais abordagens produziram a idéia de um universo racional, coeso, o qual só poderia ser compreendido seguindo-se uma lógica tal qual o que equivaleria a rejeitar toda e qualquer explicação que fugisse aos critérios estabelecidos pelos modelos teóricos explicativos comumente adotados e sutilmente impostos pelo edifício científico da modernidade. A ciência propugnava-se como a detentora dos conhecimentos necessários à elucidação dos fenômenos. Tornava-se, dessa maneira, o centro de referência para onde deveriam convergir as dúvidas, inquietações e busca de soluções. As conclusões obtidas se transformam em leis gerais, universalizantes, que passavam a nortear as mais diversas situações, emergindo daí a construção de um *locus* único do conhecimento e este, alheio a outros tipos de saberes, negando assim, a própria dialeticidade que caracteriza a vida cotidiana, excluindo, por conseguinte, a possibilidade do conflito e ignorando as vozes discordantes. Para Santos (2000, p.10-11):

a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento (...)

* Licenciado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão pela UNEB; Professor da Rede Pública Estadual de Ensino e Mestrando em Educação e Contemporaneidade pela UNEB - Campus I. E-mail: vilasboas2003@ig.com.br.

conhecimento científico moderno é um conhecimento desencantado e triste que transforma a natureza num autômato, ou, como diz Prigogine, num interlocutor terrivelmente estúpido.

Ora, a difusão de tais correntes de pensamentos filosóficas e suas postulações sobre o universo e o homem influenciam a maneira de pensar e atuar, possibilitando enfoques em que o ato de conhecer torna-se excessivamente reducionista e dominador, dado o controle que o mesmo exerceria ante as pessoas e à própria natureza.

Isso estimulará o desenvolvimento de posturas mecanicistas em relação à natureza, concebendo-a a mercê da exploração e da degradação humana. Engendram-se abordagens educativas centradas em currículos herméticos, e estes, nos programas verticais previamente elaborados, em que a realidade submete-se às imposições da teoria, cabendo dentro desta. Em virtude disso, os homens cultuam o individualismo como forma de praticar a experiência e daí chegarem ao conhecimento e à verdade. Isso deixa clara a supremacia do indivíduo ante o meio-social que o cerca.

Como consequência, prolifera as discrepâncias e desajustes entre as populações, conduzindo a construção de comportamentos marcados pela competição; ao inchaço urbano causado pela superpopulação; no êxodo rural e formas variadas de exercício da coerção e violência, gerando “o mau desenvolvimento que, na prática, tem se mostrado predatório, penoso e injusto. O progresso entendido apenas como avanço técnico, material e crescimento econômico, está sendo obtido dentro de um padrão de produção, de consumo, de acumulação e de vida insustentável” (BRASIL, MMA, p.22). Um desenvolvimento questionável, pois vê a natureza como elemento dissociado da sua prática, enxergando-a, apenas, como mais um recurso do qual é possível extrair, de maneira desmedida e ambiciosa, o lucro que mantém funcionando a lógica do mercado.

Isso significa que o pensamento econômico conseguiu sobrepor-se à lógica de uma qualidade de vida menos injusta e mais digna. A maximização do lucro tornou-se voraz e desconsidera obstáculos à sua frente que possam constituir-se como elementos inibidores de sua reprodução. A exploração não somente dos recursos naturais, mas também do homem pelo próprio homem, reduziu este a uma condição de mero apêndice de um sistema maior que pauta as suas ações humanas numa racionalidade exclusivamente instrumental.

Caminhamos, dessa forma, em direção à construção de uma sociedade na qual impera valores puramente utilitaristas, movida pela racionalidade instrumental que se encarrega de fazer ruir os outros pilares da modernidade. Nesse contexto, fragmentamos o saber, reduzimos a percepção acerca da realidade e abstermo-nos de uma compreensão holística acerca da vida dada a proeminência de concepções fundadas na linearidade.

O processo civilizatório tão decantado pela modernidade contrapõe-se, assim, à idéia de desenvolvimento sustentável, e este visto aqui, segundo (RELATÓRIO BRUNDTLAND, apud, SANTOS, 2002, p. 266) “como o desenvolvimento que satisfaz as necessidades da geração presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer as suas próprias necessidades”.

Neste processo, o emprego da tecnologia como instrumento de acesso e extração dos recursos naturais se mostrou, na maioria das vezes, perverso. A rapidez com que se age sobre o meio-ambiente impede, ainda que algumas vezes, a consecução de propostas com vistas a sua recuperação.

Os efeitos não poderiam ser tão perturbadores. A flora e a fauna emitem sinais de que a degradação pede “custar caro” ao futuro do próprio homem. O esgotamento do solo, a diminuição dos mananciais de água e de outros componentes vivos do ecossistema redundam em

maior concentração populacional nas áreas urbanas, falta d'água e encarecimento, quando não a falta, de produtos para o consumo humano.

CONSTRUINDO OUTRAS POSSIBILIDADES.

Nesse contexto, emergem vozes que destacam a vulnerabilidade da natureza ante as ações predatórias do homem e ressaltam a necessidade de pensar em diferentes formas de conceber o desenvolvimento, bem como destacam a intrínseca relação entre este e a preservação do solo, fauna e flora. Alcançar esse estágio requer mudanças que permitam reconhecer a inexistência de hiatos entre desenvolvimento e preservação do meio-ambiente e, a partir daí, gestar modelos de desenvolvimento sustentado “que permitam conciliar as diversas lógicas econômico-sociais com os processos de sustentabilidade ecológica, objetivando a preservação dos recursos naturais renováveis e não-renováveis e a melhoria da qualidade de vida do homem”. (MININNI-MEDINA, Nana. 2001, p. 37).

Um desses exemplos é o Colégio Santo Antonio, tradicional instituição da rede privada de ensino. Localizado no Bairro dos Capuchinhos, em Feira de Santana, o Colégio tem uma área de 24 mil metros quadrados e, segundo a sua visão, “por trás do conceito de educação, existe uma concepção de homem”. Pensando dessa maneira, o meio ambiente encontra-se inserido dentro das práticas pedagógicas da referida instituição, visando à construção do conhecimento que reconheça o ambiente como um meio intrínseco à sua própria existência.

Uma das ações neste sentido foi desenvolvida pelo Colégio no ano de 1998 quando o mesmo deflagrou uma campanha junto à comunidade escolar e extra-escolar, objetivando a preservação do Rio Subaé, mas especificadamente de suas nascentes que estão situadas na região de Feira de Santana.

As interferências humanas na bacia do rio datam de vários anos e, em Feira de Santana, tomou corpo com o processo de urbanização e industrialização que o município baiano vem enfrentando nos últimos tempos. Tal fator tem provocado o uso e ocupação indevida do solo às suas margens; desmatamento das reservas florestais ao longo do seu curso; utilização do mesmo como receptor de dejetos, sejam eles de natureza industrial ou residencial, dentre outras ações, causando o aumento da poluição ambiental contribuindo para alterar a qualidade de vida da população, tornando-se cada vez mais preocupante, principalmente no tocante aos recursos hídricos dada a necessidade constante da água para o consumo próprio bem como para o desenvolvimento do setor produtivo. Esta preocupação aumenta ao se analisar a situação climática do município que está inserido dentro de uma região considerada como polígono das secas, portanto carente de recursos naturais. Em razão disso, a utilização racional do rio é um fator imprescindível para o desenvolvimento da população feirense. Para Flores (1997) “o Rio Subaé constitui um Patrimônio cultural e sócio-ambiental, fornecedor de recursos naturais para a comunidade na sua área de influencia, especialmente Feira de Santana e demais municípios que o integram”.

O trabalho desenvolvido pelo Colégio Santo Antonio partiu da necessidade de conscientizar a comunidade para o seu estado de abandono e degradação bem como para as conseqüências advindas deste processo caso medidas de impacto não fossem tomadas a curto e longo prazo. O outrora elemento da natureza que propiciava aos seus usuários a coleta da pesca, bem como a utilização de suas águas para o lazer, encontra-se, nos dias atuais, abandonado e sem perspectivas de recuperação caso medidas efetivas não sejam adotadas pelos poderes públicos, bem como através da sociedade como um todo.

Uma das iniciativas neste projeto seria a de buscar o apoio das autoridades e de diversos outros segmentos sociais, pois se via, nesta oportunidade a possibilidade de a escola romper com

os seus muros e aproximar-se cada vez mais da comunidade. Buscando ampliar as discussões em torno da temática do Rio Subaé, ao mesmo tempo em que entendia necessária a participação e conscientização da comunidade não envolvida diretamente nas atividades cotidianas da escola, o Colégio resolveu investir numa exposição fotográfica áudio-visual sobre as condições do Rio Subaé realizada numa das praças do município de Feira de Santana.

A compreensão desenvolvida pelo Colégio Santo Antonio deixa crer a existência de um pensamento holístico, no qual a natureza não está dissociada da própria existência humana e muito menos das suas atividades cotidianas, como historicamente as instituições, dentre elas a escolar, tentou fazer crer, mas aponta para algo que a complementa, ou, como num movimento dialético aquela complementando esta. Sendo assim, iniciativas devem ser tomadas no sentido de transformar hábitos, costumes e percepções em relação ao ambiente, pois a má formação deles acaba gestando a crise ecológica que se desenvolve de forma avassaladora desconhecendo territorialidades e disseminando perspectivas não animadoras, muito bem sintetizadas nas afirmações de Beck (s/d p. 56) quando diz que “o movimiento que se pone em marcha com la sociedad del riesgo se expresa em la frase: Tengo miedo! Em lugar de la comunidade de la miséria aparece la comunidade del miedo”.

Num levantamento efetuado acerca das 22 ações implementadas pelo Colégio Santo Antonio, no ano de 2002, cerca de 13 delas são direcionadas às questões ambientais, dentre as quais a participação na Semana Internacional do Meio Ambiente nos dias 04 e 05 de junho daquele ano. Nesta atividade, foram feitas exposições e debates sobre a Agenda 21; o lixo em Feira de Santana; reciclagem; situação das lagoas; Rio Subaé.

Já numa análise do conteúdo programático para o ano de 2004, destacam-se inúmeras outras atividades que visam estimular o respeito ao Meio Ambiente, portanto, à própria vida. Para tanto, serão desenvolvidas ações com as diversas séries, cada uma delas articulada com os conteúdos discutidos em sala. No mês de março, por exemplo, destacaram-se ações no Dia Mundial da Água, com uma visita à Fonte dos Milagres. Paralelo a isso, acontece o Projeto do Lixo, conhecido como Recicle; as Oficinas de Papel; oficinas de garrafas plásticas e a oficina de latas.

As áreas degradadas de Feira de Santana também merecem atenção por parte dos estudantes e professores do Colégio Santo Antonio. Cientes do aumento constante dessas práticas que resultam na destruição do ecossistema, são realizadas em consonância com o conteúdo programático aulas de campo que privilegiam esses locais.

Além disso, o Colégio Santo Antonio é uma das instituições responsáveis pela implantação e implementação da Agenda 21 no município de Feira de Santana, documento do qual 170 países se tornaram signatários e que propõe ações a serem realizadas a curto, médio e longo prazo, visando o alcance do desenvolvimento sustentável.

Mais que isso: as ações desencadeadas vislumbram uma perspectiva transformadora das realidades, não as vendo como algo estático, desprovidas do sentido de reversibilidade. Esta, contudo, não é fruto do individualismo de determinados heróis, mas deve ser construída com a cumplicidade de toda a comunidade escolar e aquela extra muros escolares. Nesse sentido, os projetos procuram acolher as inquietações que emergem do cotidiano, transformando-as em possibilidades de (re) construção do conhecimento e, ao mesmo tempo, de intervenção no meio físico-social.

Dessa forma, o currículo não se torna um artefato engessado, afeito às opacidades e aos indícios que reclamam por transformações, muito menos se rende às atrocidades impostas por concepções e práticas que privilegiam a linearidade, o dogmatismo e o fechamento em redomas, especialmente aquelas construídas para eliminar os ruídos considerados aniquiladores, mas que, conforme Macedo (2000, p. 58) “podemos dizer que o currículo tem carne e alma”.

QUANDO CONCLUIR SIGNIFICA CONTINUAR PLANTANDO OUTRAS SEMENTES

A despeito da situação de abandono a que historicamente foi relegada, a problemática do meio ambiente não deixou de se constituir num fator de preocupação para, inicialmente, alguns dos nossos intelectuais. Ainda que embrionárias para aquela época, mas, sobretudo, ousadas, levando-se em consideração o contexto em que viviam, essas atitudes, haveriam, tal qual a semente quando lançada num solo fértil e apropriado, de germinar, dando origem a poucas práticas, tão significantes que podemos perceber resquícios das mesmas, motivando outras nos dias atuais.

Saliente-se neste aspecto o trabalho desenvolvido pelo Colégio Santo Antonio. Esta instituição de ensino fundamental/médio mesmo vivendo dentro de uma lógica capitalista, onde o mercado está a exigir pessoas providas de uma concepção que perceba o lucro como componente principal - pioneiramente, no município onde está situada, procura demonstrar a impossibilidade de desenvolver práticas pedagógico-educativas que excluam o meio ambiente do seu currículo.

As ações desenvolvidas pelo Colégio consideram o aluno como um sujeito ativo, portanto, capaz de criticar e questionar a realidade na qual está inserido. O seu envolvimento nas atividades demonstra que a condição de mero espectador não lhe satisfaz. Contextualizando os conteúdos trabalhados em sala com o cotidiano que o cerca, deixa de lado a mera transposição didática que permeia determinadas práticas educativas. Neste sentido, faz-se perceber que conteúdos não se restringem a apenas categorias, conceitos, mas a procedimentos, valores e atitudes que podem e devem tornar a compreensão acerca do mundo menos reducionista e fragmentada. Busca-se conhecer não apenas pelo fato de que tal conhecimento possa um dia lhe ser útil, mas porque ele é capaz de alterar a sua realidade.

Neste aspecto, a transversalidade que segundo Olívia e Muhringer (2001, p. 27) “diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na realidade e da realidade)” se torna bastante presente nas ações cotidianas da citada instituição de ensino.

O contexto atual mostra que a tão propalada modernidade já não consegue dar conta da realidade, não atendendo às suas inquietações, mas isso não implica afirmar que a existência de uma crise dos paradigmas se constitua conforme Santos (2001, p. 74), “num pântano cinzento de ceticismo ou irracionalismo”. É antes o retrato de uma família intelectual numerosa e instável, mas também criativa e fascinante, no momento de se despedir (...) a caminho doutras paragens onde a racionalidade seja mais plural e o conhecimento uma aventura fascinante”.

Assim, os esforços depreendidos devem ser o de instauração de conhecimentos mais solidários, éticos e que contemplem a diversidade de atores e situações nas quais estamos envolvidos. A irreversibilidade dos atuais modelos explicativos das ciências modernas não pressupõe a percepção de que uma outra ciência tenha e deva ser criada para substituir o totalitarismo da atual. Para Santos (2002, p. 277), “é necessário construir outra ética e outra política”. Talvez somente assim possamos eliminar com quaisquer hiatos que possam provocar entraves a compreensões menos reducionistas da realidade. A proporção que cresce esta necessidade, amplia-se a importância do papel da escola e da educação na superação da crise. Como diz Santos (2002, p. 277)

o desafio atual é fazer com que a educação e a escola se convertam em vetor da solução das crises, muito especialmente através da educação

ambiental, quer seja esta tornada realidade como um elemento do currículo, quer como nova e revolucionária reforma deste.

Ainda que embrionariamente, o Colégio Santo Antonio parece caminhar nesta direção.

REFERÊNCIA.

BRASIL Ministério do Meio Ambiente. *Educação Ambiental: curso básico à distancia; questões ambientais: conceitos, história, problemas e alternativas*. 2. ed. Brasília: MMA, 2001.

BECK, Ulrich. *La sociedade del riesgo: hacia una nueva modernidad*. Barcelona: Paidós. 1998.

CONTRERAS, Joan Picas. La construcción social del subdesarrollo y el discurso del desarrollo. IN: BRETÓN, Victor; GARCÍA, Francisco; ROCA, Albert (org). *Los límites del desarrollo: modelos, 'rotos' y modelos 'por construir' em América Latina y África*. Barcelona: Içaria. s/d.

FURIAN, et alli. *Agenda 21: A Feira de Santana que queremos*. Feira de Santana. DIGITCOM, 2000.

FLORES, Lucilio. *A recuperação da nascente do Rio Subaé*. Disponível em: <<http://www.aeafs.com.br./jornal/edição1/p.7.htm>. Acesso em: 14 ago. 2004.

MACEDO. Roberto Sidney Alves. Hermes re-conhecido: etnopesquisa crítica currículo e formação docente. *Revista da Faced*. Salvador: n° 2. 37-57, jun. 1999.

MININNI-MEDINA, Nana. Antecedentes históricos: conferências internacionais. IN: 2001, p. 37). IN: BRASIL Ministério do Meio Ambiente. *Educação Ambiental: curso básico à distancia; documentos e legislação da educação ambiental*. 2. ed. Brasília: 2001.

OLIVA, Jaime Tadeu; MUHRINGER, Sônia Marina. A introdução da dimensão ambiental no ensino formal. IN: BRASIL Ministério do Meio Ambiente. *Educação Ambiental: curso básico à distancia; educação e educação ambiental II*. 2. ed. Brasília: MMA, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Edvalter Souza. Educação e Sustentabilidade. *Revista da FAEEBA- Educação e Contemporaneidade*. Salvador, v. 11, n. 18, jul/dez. 2002.